



boss



TOP  
SELLER

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

Se quiseres saber onde reside o teu coração,  
observa para onde a tua mente te leva quando vagueia.

*Autor desconhecido*

# Um

## Reese

Pernas macias e depiladas para nada.

— Jules? É a Reese. Onde raio estás tu? *Preciso* de ti. Este é o *pior* encontro da minha vida. Estou literalmente a adormecer.

Já pensei em bater várias vezes com a cabeça numa mesa para me manter acordada. Preciso que inventes uma emergência e me telefones, a menos que me queiras ver ensanguentada e cheia de nódoas negras. *Por favor*, liga-me. — Carreguei em «desligar» e suspirei, frustrada, à porta da casa de banho das senhoras, no corredor escuro das traseiras do restaurante.

Fui apanhada de surpresa por uma voz grave, atrás de mim:

— Ele vai perceber, a menos que seja idiota, além de enfadonho.

— Desculpe? — Virei-me, deparando-me com um homem encostado à parede, de olhos postos no telefone, a enviar uma mensagem escrita.

Continuou, de cabeça baixa:

— Essa do telefonema de emergência... já tem barbas. No mínimo, devia esforçar-se um pouco mais. Este restaurante tem uma lista de espera de uns dois meses para se conseguir uma reserva, e não é nada barato, querida.

— *Ele* é que se devia esforçar um pouco mais, não? O casaco desportivo que traz vestido tem um buraco enorme debaixo do braço. Além disso, passou a noite inteira a falar da mãe.

— Já pensou que ele poderá estar nervoso com essa sua postura pretensiosa?

Quase me saltaram os olhos das órbitas.

— Pretensioso é ouvir a minha chamada e decidir dar-me opiniões *inoportunas* de olhos pregados no telefone. Nem sequer se digna a olhar para mim enquanto fala.

O parvalhão parou de digitar a mensagem. Levantou a cabeça e percorreu-me indolentemente com o olhar, desde os tornozelos, passando pelas minhas pernas nuas, demorando-se na bainha da saia, seguindo para as ancas, detendo-se brevemente nos seios, até finalmente me encarar.

— Exatamente. Olhe cá para cima. Estes são os meus olhos.

Ele afastou-se da parede e endireitou-se. O único foco de luz no corredor projetou-se nele, iluminando-lhe o rosto, e eu consegui vê-lo claramente pela primeira vez.

A *sério!* Não era o que eu esperava. Com aquela voz grave e rouca, e aquela postura, imaginei um tipo mais velho, enfiado num daqueles fatos convencionais, mas o homem era lindo. *Lindo e jovem.* Estava todo vestido de preto e, embora a indumentária fosse simples e elegante, havia nele algo especial. O cabelo desalinhado, castanho alourado, dava-lhe aquele ar sensual de quem se está nas tintas para tudo, mas ainda assim parecia perfeito. Tinha umas feições marcadamente masculinas: um queixo quadrado e áspero, barba de um dia a cobrir-lhe a pele ligeiramente bronzeada, um nariz direito e proeminente, e uns grandes olhos lânguidos e sensuais, cor de chocolate. Olhos esses que me observavam agora, atentamente.

Ele ergueu os braços sobre a cabeça, sem desviar o olhar.

— Quer ver se eu tenho algum rasgão, antes de decidir se mereço que fale comigo?

Lindo era, de facto, mas, decididamente, um imbecil.

— Não é necessário, a sua atitude já me elucidou. Não merece.

Ele baixou os braços e riu-se baixinho.

— Como queira. Tente desfrutar do resto da noite, querida.

Eu bufei, mas lancei um último olhar àquele belo imbecil, antes de voltar para a minha mesa.

Quando me sentei, o Martin estava de mãos entrelaçadas sobre a mesa.

— Desculpa — disse-lhe. — Havia fila para a casa de banho.

— Isso recorda-me uma história engraçada. Uma vez, estava eu no restaurante com a minha mãe e ela foi à casa de banho...

Ele calou-se, momentaneamente, ao ver-me a olhar para o telefone, desejando que tocasse. *Raios te partam, Jules. Onde é que te meteste quando eu mais preciso de ti?* A meio da história — ou pelo menos, o que eu achava ser o meio da história —, o imbecil da casa de banho passou pela nossa mesa. Olhou brevemente para a minha companhia enfadonha e para o meu ar desinteressado e dirigiu-me um sorriso afetado. Eu segui-o com o olhar, curiosa, para ver com quem ele estava.

*Tinha de ser.*

Uma loura oxigenada, bonitinha, tipo galéria, com um par de mamas descomunal a transbordar do vestido decotado, que lhe dirigiu um olhar todo melado. Revirei os olhos. Porém, não resisti à tentação de espreitar para a mesa deles, de vez em quando.

Quando as nossas saladas chegaram, o Martin estava a falar da recente apendicectomia da mãe, e eu estava a ficar particularmente entediada. Devo ter olhado demasiado tempo para o tipo da casa de banho, porque este apanhou-me de olhos pregados nele, arqueou uma sobrancelha e piscou-me o olho, inclinando o copo na minha direção, do lado oposto do restaurante.

*Imbecil.*

Já que fora apanhada, nem me dei ao trabalho de disfarçar. Ele era bem mais interessante do que a minha companhia e também não se coibia de olhar para mim. Um empregado parou junto da mesa deles e ele apontou na minha direção, dizendo-lhe qualquer coisa. O Martin continuava a contar-me uma história qualquer sobre a sua adorada mãe e eu olhei para trás, para tentar perceber para onde estaria a apontar. Quando me virei de novo para a frente, ele e a companheira estavam de pé. Conseguí ler-lhe os lábios e percebi parte do que estava a dizer... Qualquer coisa sobre reunir-se a uma velha amiga, creio eu. E, de repente, estavam ambos a dirigir-se para a nossa mesa.

*Será que ele vai contar ao Martin o que ouviu à porta da casa de banho?*

— Reese, és tu?

*O que raio?!*

— Hum... sim.

— Uau! Há quanto tempo. — Bateu ao de leve com a mão no peito. — Sou eu, o Chase. — Antes que eu conseguisse perceber o que estava a acontecer, o imbecil (que pelos vistos se chamava Chase) curvou-se e deu-me um grande abraço, sussurrando-me enquanto me abraçava. — Entra no jogo, querida. Vamos animar a tua noite.

Eu limitei-me a olhá-lo estupefacta, ao vê-lo virar-se para o Martin e estender-lhe a mão.

— Chase Parker. A Reese e eu conhecemo-nos há muito tempo.

— Martin Ward — disse a minha companhia, acenando com a cabeça.

— Podemos juntar-nos a vocês? Eu e o Docinho não nos vemos há anos. Gostaria muito de pôr a conversa em dia. Não se importa, pois não?

Embora tivesse feito uma pergunta, não esperou pela resposta, puxando uma cadeira para a sua companheira e apresentando-a.

— Esta é a Bridget... — Olhou para ela, como que a pedir-lhe ajuda para completar a frase.

— McDermott. Bridget McDermott — disse ela, sorrindo, sem se deixar abalar por aquele inesperado encontro a quatro, nem pela evidente inépcia do Chase para se recordar do seu apelido.

O Martin, por seu turno, parecia desapontado pelo facto de termos passado de dois a quatro, embora jamais o fosse confessar, estou certa.

Olhou para o Chase quando este se sentou:

— Docinho?

— Era assim que lhe costumávamos chamar. Reese, o *Docinho* de Amendoin. A minha guloseima preferida.

Depois de o Chase e a Bridget se sentarem, houve um momento constrangedor. Para minha surpresa, foi o Martin que quebrou o gelo.

— Então, e como é que se conheceram?

Embora o Martin olhasse para ambos, à espera de uma resposta, deixei claro ao Chase que era *ele* que estava na berlinda, pois fora quem dera início à brincadeira.

— Vou deixar que o Chase te conte. Por acaso, é uma história bastante engraçada. — Apoiei os cotovelos sobre a mesa, pousei a cabeça sobre as mãos entrelaçadas e pestanejei com um sorriso velhaco, concentrando-me inteiramente no Chase.

Ele não vacilou e não demorou mais de alguns segundos a inventar uma história.

— Bom, não era propriamente a primeira vez que nos víamos. A parte engraçada da história foi o que aconteceu depois de nos conhecermos. Os meus pais separaram-se quando eu estava no oitavo ano e eu tive de ir para outra escola. Sentia-me bastante infeliz, até conhecer a Reese no autocarro, na primeira semana. Ela era uma daquelas miúdas demasiado giras, mas eu também não tinha amigos para me moerem o juízo se a convidasse para sair e ela me dissesse que não. Por isso, embora ela fosse um ano mais velha do que eu, convidei-a para o baile do oitavo ano, e fui completamente apanhado de surpresa quando ela aceitou.

» Seja como for, eu era jovem, dono de uma dose considerável de testosterona, e meti na cabeça que seria ela o meu primeiro beijo. Todos os meus amigos da outra escola já tinham passado essa etapa e eu achei que estava na altura. Por isso, quando o baile estava quase a terminar, arrastei o Docinho do ginásio decorado com balões e papel crepe piroso, e levei-a para o corredor, para termos alguma privacidade. É claro que eu não sabia com o que contar, por ser a minha primeira vez, mas fui direto ao assunto e desatei a beijá-la.

O Chase fez uma pausa e piscou-me o olho.

— Estava tudo a correr bem até essa altura, não foi, Docinho?

Eu estava de tal forma perplexa, a ouvir a história dele, que não consegui sequer responder. Mas, mais uma vez, o meu silêncio não pareceu incomodá-lo, pois prosseguiu de imediato com a sua narrativa disparatada.

— Mas é aqui que a história se torna mais interessante. Como disse, eu não tinha experiência nenhuma, mas dei-lhe com alma;

usei lábios, dentes, língua, tudo. Instantes depois, o beijo começou a parecer-me terrivelmente molhado, mas eu estava entusiasmado e não queria ser o primeiro a recuar, por isso continuei a beijá-la. Finalmente, quando parámos para respirar, no sentido literal da palavra, visto que eu quase lhe arrancava a boca, percebi por que razão o beijo me estava a parecer tão molhado. A Reese começou a sangrar do nariz, a meio do beijo, e estávamos ambos com o rosto todo lambuzado de sangue.

O Martin e a Bridget riram-se, mas eu estava demasiado aturdida para reagir.

O Chase tocou-me no braço.

— Vá lá, Docinho, não fiques embaraçada. Foram bons momentos, não foram?

— Quanto tempo namoraram? — perguntou o Martin.

No instante em que o Chase ia a responder, eu toquei-lhe no braço da mesma forma paternalista que ele tocara no meu.

— Não muito tempo. Acabámos logo a seguir ao *outro incidente*.

A Bridget bateu palmas e pôs-se aos saltinhos na cadeira, como uma criança entusiasmada.

— Contem o outro incidente!

— Pensando bem, não sei se deva contar — disse eu, pensativamente. — Este é o vosso primeiro encontro?

A Bridget acenou com a cabeça.

— Bom, não quero que pense que o Chase continua com o mesmo problema, até porque esse *pequeno incidente* aconteceu há muito tempo. — Inclinei-me para a Bridget e sussurrei. — *Normalmente*, eles vão ganhando controlo com a idade.

Em vez de ficar irritado, o Chase parecia absolutamente deliciado com a minha história. Dir-se-ia até orgulhoso. Na verdade, aquilo prolongou-se pelo resto da noite. O Chase contou histórias rebuscadas sobre a nossa infância fictícia, sem o mínimo receio de sofrer embaraços, e divertiu-nos a todos. Eu lá ia acrescentando um ou outro pormenor às histórias dele, quando não estava de queixo caído com os disparates que ele inventava.

Contrariou-me bastante admiti-lo, mas o parvalhão estava a começar a agradar-me, mesmo quando contava histórias sobre o meu nariz ensanguentado e o «infeliz incidente dos chumaços do sutiã». Ao fim da noite, dei comigo a pedir cafés para adiar as despedidas, já a anos-luz da nossa troca de galhardetes no corredor da casa de banho.

À porta do restaurante, o Martin, o Chase e eu entregámos os nossos cartões de estacionamento ao empregado. Eu preferia controlar o princípio e o fim de um primeiro encontro, por isso encontrara-me com o Martin no restaurante. É claro que a Bridget viera com o Chase, como é normal quando se sai com alguém. Enquanto esperávamos pelos carros, estava pendurada no braço dele, praticamente a roçar-se contra a sua anca. O meu *Audi* vermelho e brilhante foi o primeiro a aparecer. Não sabia ao certo como me despedir... de nenhum deles, por isso agarrei nas chaves e fiquei parada, com a porta aberta.

— Belo carro, Docinho — disse o Chase, com um sorriso.  
— Bem melhor do que aquele chaço velho que conduzias no secundário, não é?

Eu ri baixinho.

— Acho que sim.

O Martin deu um passo em frente.

— Gostei de te ver, Reese. Espero que possamos voltar a sair um dia destes.

Em vez de esperar que ele me tentasse beijar, decidi-me pelo abraço.

— Obrigada pelo agradável jantar, Martin.

Quando recuei, o Chase avançou e abraçou-me, mas em vez da amigável palmada nas costas que eu dera ao Martin, puxou-me contra o seu corpo — meu Deus, que bem que me soube — e depois fez algo estranhíssimo... Enrolou o meu longo cabelo na mão, várias vezes, cerrou o punho, e puxou-me a cabeça para trás. Quando olhei para ele, os seus olhos demoraram-se nos meus lábios e, por um breve instante, julguei que me fosse beijar.

Porém, inclinou-se e beijou-me a testa.

- Vemo-nos no encontro do próximo ano?  
Eu anuí, sentindo-me quase desorientada.  
— Hum... claro. — Quando me largou, olhei para a Bridget.  
— Prazer em conhecê-la, Bridget.

Meti-me relutantemente no carro. Senti-me observada e levantei os olhos enquanto punha o cinto de segurança. O Chase observava-me atentamente. Parecia querer dizer-me alguma coisa, mas alguns instantes depois, pareceu-me estranho continuar sentada à espera.

Respirei fundo e arranquei, com um último aceno, perguntando-me por que razão sentia que estava a deixar algo importante para trás.

# Dois

## Reese

*Quatro semanas depois*

**C**ento e trinta e oito, cento e trinta e nove, cento e quarenta... O último azulejo do teto, lá ao fundo, no canto mais próximo da janela, rachara-se. *Esta agora.* Tinha de chamar o porteiro e mandar substituí-lo antes que começasse a prejudicar a minha contagem diária, causando-me stress, em vez de me ajudar a aliviá-lo.

Estava ainda deitada no chão do meu quarto, depois de falar com o Bryant, um tipo que conhecera no supermercado na semana anterior (em vez dos habituais engates de bar, que nunca pareciam correr muito bem). Ele ligara-me para me dizer que ficara preso no trabalho e iria chegar uma hora atrasado ao nosso segundo encontro, o que para mim era ótimo, pois estava cansada e não me apetecia levantar. Respirei fundo, para me purificar, fechei os olhos e concentrei-me na minha respiração, inspirando e expirando repetidas vezes. Quando finalmente me acalmei, levantei-me, retoquei a maquilhagem e enchi um copo de vinho, antes de pegar no portátil.

Pesquisei empregos de marketing em Nova Iorque, no *Monster.com*, durante cerca de cinco minutos, até que me aborreci e fui para o *Facebook*, como de costume. *Procurar emprego é uma chatice.* Percorri as publicações dos meus amigos e vi as mesmas coisas de sempre — fotografias de comida, dos filhos e da vida que

queriam que acreditássemos ser a deles. Uma fotografia de um tipo com quem andara no secundário, com o filho recém-nascido nos braços, apareceu-me no *feed* de notícias, e eu lembrei-me imediatamente do homem com quem *não andara* no secundário: o *Chase Parker*.

No último mês, pensara mais vezes no meu colega de escola fictício do que gostaria de admitir. Lembrava-me dele ao ver certas coisas. Os bolinhos de manteiga de amendoim da *Reese's* nos expo-sitores de compras de última hora, junto à caixa do supermercado (e que acabei por comprar); uma fotografia do *Josh Duhamel* (que poderia facilmente passar por irmão do *Chase*) ao folhear a revista *People* na sala de espera do meu dentista (cuja folha *devo* ter arran-cado); o meu vibrador, que guardo na gaveta da mesa de cabeceira (não o usei, mas pensei em fazê-lo, pois até tinha a página da revista).

Desta vez, ao pensar novamente no homem, dei comigo a digi-tar *Chase Parker* na barra de pesquisa do *Facebook*. Quando o rosto dele apareceu no ecrã, arquejei alto e senti umas palpitações no peito, o que me pareceu absolutamente ridículo. *Meu Deus. Ele era ainda mais bonito do que eu me lembrava.* Cliquei sobre a fotogra-fia, para a aumentar. Estava com roupa desportiva — uma t-shirt branca, uns *jeans* rasgados no joelho e uns ténis pretos. Ficava-lhe bem. Após cerca de um minuto a contemplar aquele rosto sensual, aumentei a imagem e reparei no emblema da t-shirt: *Ginásio Iron Horse*. Havia um desses ginásios no quarteirão do restaurante onde tínhamos jantado. Perguntei a mim mesma se ele viveria ali perto.

Infelizmente, não iria descobrir, pois os seus dados não eram públicos. Na verdade, a única fotografia que conseguia ver era a do perfil. Para ver mais, teria de lhe enviar um pedido de amizade e esperar que ele o aceitasse. Embora me sentisse tentada a fazê-lo, pus a ideia de parte. Iria certamente achar que eu era louca ao enviar um pedido de amizade a um tipo que me considerava uma cabra (e mo dissera abertamente), um mês depois nos conhecer-mos numa saída com outras pessoas.

Porém, tal não me impediu de guardar a sua fotografia, para a poder apreciar mais tarde. Após mais alguns minutos a sonhar

acordada com aquele homem, dei um sermão adulto e incentivador a mim mesma. *Tens de encontrar emprego, tens de encontrar emprego. Tens apenas mais uma semana de trabalho, depois desta. Sai do Facebook.*

Resultou, e passei os 50 minutos seguintes a pesquisar anúncios de oferta de emprego, à procura de alguma coisa — qualquer coisa — remotamente relacionada com marketing de cosmética, ou que parecesse apenas remotamente interessante. Sabia que não devia apostar somente nas duas entrevistas que marcara até então, mas as opções não eram muitas. Havia já perdido a esperança de vir a encontrar um emprego para substituir o que tinha há sete anos, e que até há bem pouco tempo adorava, quando a campainha tocou.

O beijo que o Bryant me deu ao abrir-lhe a porta contribuiu bastante para melhorar o meu estado de espírito. Era apenas o nosso segundo encontro, mas o homem tinha potencial.

— Mas que bela saudação — sussurrei.

— Passei o dia inteiro a pensar nisto.

Sorri-lhe.

— Entra. Estou quase pronta. Só tenho de ir buscar a mala e o telemóvel, que está a carregar.

Ele apontou para a porta de entrada, depois de a fechar.

— Tiveste algum assalto ou coisa que o valha? Para quê tantas fechaduras?

A minha porta da frente tinha uma fechadura normal e três trancas de segurança. Noutras circunstâncias, teria respondido honestamente, explicando que me sentia mais segura com uma ou duas fechaduras extra, e a coisa ficaria por aí, mas o Bryant não era um engate como os outros. Estava realmente a tentar conhecer-me e se me pressionasse mais — o que iria certamente acontecer —, eu seria obrigada a abrir-me sobre certas coisas em relação às quais não me sentia ainda preparada para falar.

Por isso menti.

— O senhorio dá bastante importância à segurança.

— Isso é bom.

Enquanto apertava o fecho de um colar no quarto, gritei ao Bryant:

— Há vinho no frigorífico, se quiseres.

— Estou bem assim, obrigada.

Quando regressei à sala, ele estava sentado no sofá, junto ao meu portátil ainda aberto após a minha pesquisa de empregos.

Enquanto punha os brincos, perguntei-lhe:

— Então, o que vamos ver?

— Achei que poderíamos decidir quando lá chegássemos.

Há um filme do Vin Diesel que eu gostava de ver, mas como cheguei uma hora atrasado, não vou contrariar-te se não fores entusiasta desse tipo de filmes.

Eu sorri.

— Ótimo. É que não sou mesmo. Estava a pensar numa coisa mais na linha daquele novo filme do Nicholas Sparks.

— Isso é um castigo bastante severo por ter chegado atrasado.

Foi apenas uma hora, não três dias — respondeu, provocadoramente.

— É para aprenderes.

Ao aproximar-me para fechar o portátil, o Bryant levantou-se.

— A propósito, quem é o tipo no teu fundo de ecrã?

Franzi o sobrolho.

— Que tipo?

— Um tipo alto, de cabelo desgrenhado, que me ficaria pessimamente a mim. Espero que não seja nenhum ex-namorado por quem tenhas ficado secretamente embeijada. Ele parece saído de um calendário.

Como não fazia ideia do que ele estava a falar, voltei a abrir o portátil para dar uma olhadela. *Merda*. A fotografia do Chase Parker saudou-me. Ao salvá-la do seu perfil, devia tê-la definido também, inadvertidamente, como fundo de ecrã. Senti-me nervosa ao olhar de novo para aquele rosto lindo, mas o Bryant estava à espera de uma resposta.

— Hum... É o meu primo.

Foi a primeira coisa que me ocorreu, mas assim que disse aquilo, percebi que era um pouco estranho ter a fotografia de um primo

como fundo, por isso tentei remediar as coisas com mais mentiras, o que não era nada habitual em mim.

— Ele é modelo. A minha tia mandou-me alguns dos seus últimos retratos e quis saber de qual eu gostava mais, por isso descarreguei-os no meu portátil. A minha amiga Jules quase se babou ao vê-los e escolheu um como fundo. Eu sou tão má com novas tecnologias, que nem sequer sei como o substituir.

O Bryant riu baixinho e pareceu aceitar o que eu lhe dissera.

*Porque seria Chase Parker sinónimo de histórias inventadas?*

Nessa quinta-feira, tinha uma entrevista de manhã e uma segunda agendada para a tarde. O metro estava à pinha, o ar condicionado não estava a funcionar e o único comboio a circular era local, e não expresso.

Eu ia ensanduichada entre outros passageiros transpirados e sentia o suor a escorrer-me pelas costas. O tipo corpulento à minha direita usava uma t-shirt sem mangas e ia agarrado com a mão acima da cabeça. O meu rosto estava perfeitamente alinhado com a sua axila peluda, e o desodorizante dele não estava a produzir efeito. Do meu lado esquerdo, o panorama também não era famoso. Embora a mulher não cheirasse certamente tão mal, estava a espirrar e a tossir sem cobrir a boca. *Tenho de sair deste comboio.*

Felizmente, cheguei à entrevista alguns minutos mais cedo e pude passar rapidamente pela casa de banho para me recompor. A transpiração e a humidade tinham-me borrado a maquilhagem e o meu cabelo estava todo frisado. *Julho em Nova Iorque.* Era como se o calor ficasse aprisionado entre todos aqueles edifícios altos.

Vasculhei na minha carteira, encontrei alguns ganchos e uma escova, e consegui prender o meu cabelo arruivado num carrapito decente. Teria de corrigir a maquilhagem apenas com um toalhete de bebé, pois esquecera-me de trazer o *eyeliner* para a retocar. Tirei o casaco do fato e percebi que tinha a camisa de seda transpirada. *Merda.* Teria de ficar com aquele casaco quente vestido ao longo de toda a entrevista.

Uma mulher entrou enquanto eu estava de braço enfiado na camisa, a limpar a transpiração com uma toalha de papel, e apercebeu-se do que eu estava a fazer através do espelho.

— Desculpe, mas estava imenso calor no metro e eu tenho uma entrevista — disse-lhe, a título de explicação. — Não quero aparecer suada e malcheirosa.

Ela sorriu.

— Já passei por isso. Quando tiver uma entrevista para um emprego que lhe interesse mesmo, em julho, e o tempo estiver assim húmido, terá de se conformar e apanhar um táxi.

— Pois. É isso mesmo que vou fazer para a minha entrevista da tarde. É do outro lado da cidade e é esse emprego que realmente quero, por isso não me pouparei a esforços. Sou até capaz de passar pelo Duane Reade, para comprar desodorizante.

Depois de me limpar apressadamente, a pessoa com quem marcara a entrevista deixou-me pendurada no átrio durante mais de uma hora, e só depois me chamou, o que me deu algum tempo para arrefecer por completo e verificar os catálogos dos produtos mais recentes. Estavam sem dúvida a precisar de uma nova campanha de marketing. Fiz algumas anotações do que modificaria se me fosse dada essa oportunidade.

— Sra. Annesley? — disse uma mulher sorridente, da porta que conduzia ao interior do escritório. Vesti o casaco do fato e segui-a. — Desculpe fazê-la esperar, mas houve um pequeno incidente com um dos nossos maiores fornecedores esta manhã e tivemos de lidar de imediato com a situação. — Desviou-se para me dar passagem, ao chegarmos a um grande gabinete de canto. — Sente-se. A Sra. Donnelly já vem ter consigo.

— Ah, OK. Obrigada. — Pensara que era ela que me ia entrevistar.

Alguns minutos depois, a vice-presidente da Flora Cosmetics entrou. Era a mulher da casa de banho do corredor. A que me vira a limpar as axilas. *Bestial!*

Ainda bem que o fizera sem desabotoar a camisa. Tentei recordar-me se tínhamos falado de mais alguma coisa, além do tempo, mas pareceu-me que a conversa ficara mais ou menos por aí.

— Vejo que já arrefeceu. — O seu tom era bastante profissional e não se comparava em nada com a abordagem amigável da casa de banho.

— Sim, peço desculpa por isso, mas o calor deu cabo de mim hoje.

Ela empilhou alguns papéis que tinha em cima da secretária e disparou a primeira pergunta sem mais conversas:

— Porque anda à procura de um novo emprego, Sra. Annesley? Diz aqui que está atualmente empregada.

— Estou, sim. Trabalho na Fresh Look Cosmetics há sete anos. Na verdade, comecei a trabalhar lá assim que saí da universidade. Durante esse período, passei de estagiária a diretora de marketing. Não vou mentir: senti-me muito feliz na empresa ao longo de todo o meu percurso, mas acho que atingi o limite na Fresh Look e que está na altura de procurar outras oportunidades.

— Como assim, o limite?

— Bom, a Fresh Look continua a ser uma empresa familiar e, embora eu admire e respeite o seu fundador e presidente, Scott Eikman, a maior parte dos cargos executivos estão preenchidos por membros da família Eikman, de entre eles Derek Eikman, que foi promovido a vice-presidente no meu lugar. — Dizê-lo em voz alta ainda me deixava um sabor amargo na boca.

— Considera que pessoas menos merecedoras são promovidas por uma questão de parentesco? É por isso que se vai embora?

— Creio que é em grande parte por isso, mas também acho que está na altura de seguir em frente.

— Não acha que os membros da família Eikman poderão conhecer melhor o negócio, pelo facto de terem crescido nesse mundo? Talvez sejam, de facto, mais bem qualificados do que os restantes empregados.

*Que bicho mordeu a esta mulher? Este nepotismo não é novidade nenhuma. Metade dos executivos da Walmart são ainda familiares de Sam Walton, e o homem já morreu há 20 anos.*

Não era de todo oportuno acrescentar que bebera demasiado na última festa de Natal da empresa e que dormira com o *Derek Eikman*,

então diretor de vendas. Fora uma aventura de uma noite, um erro de embriaguez com um colega de trabalho, após um ano de abstinência. Eu apercebi-me de que fora um erro dez minutos depois, mas só dois dias depois percebi a verdadeira dimensão desse erro, quando o sacana anunciou o seu noivado com a mulher com quem namorava há sete anos. Ele dissera-me que era solteiro e descomprometido. Quando eu entrei no gabinete dele para lhe dar uma descasca, teve o desplante de me dizer que podíamos continuar a *foder*, apesar de estar noivo.

O tipo era um pulha e estava fora de questão trabalhar para ele, agora que fora promovido a vice-presidente. Além de ser um porco traidor, não percebia *nada* de marketing.

— No meu caso, tenho quase a certeza de que eu era a melhor candidata.

Ela dirigiu-me um sorriso absolutamente falso e entrelaçou as mãos sobre a secretária. *Será que lhe disse alguma coisa que a aborreceu na casa de banho?* Eu achava que não, mas a pergunta seguinte reavivou-me a memória:

— Diga-me uma coisa: o que a faz pensar que a empresa onde tem a sua entrevista desta tarde é superior à nossa? Sendo uma especialista em marketing, eles estarão certamente a fazer algo muito bem para estar a considerar *apanhar um táxi até lá*.

*Oh, merda!* Esquecera-me completamente que lhe dissera que iria de táxi para entrevista seguinte... porque era o emprego que eu *realmente* queria.

Não havia hipótese de sair do buraco onde me metera, depois disso. Ainda que me parecesse ter agido de forma profissional, mesmo naquelas circunstâncias, percebi que ela já tomara a sua decisão a meu respeito.

Quando a entrevista estava mesmo a terminar, um homem mais velho espreitou para dentro do gabinete.

— Querida, apareces para jantar amanhã à noite? A tua mãe tem estado a azucrinar-me para te convencer a ires.

— Pai, hum... Daniel, estou no meio de uma entrevista. Podemos falar sobre isso mais tarde?

— Claro. Claro que sim. Desculpa. Passa pelo meu gabinete mais tarde. — Dirigiu-me um sorriso educado e bateu ao de leve na ombreira da porta, para se despedir, antes de se ir embora.

Eu estava de queixo caído ao virar-me de novo para a minha entrevistadora. Embora já soubesse a resposta, perguntei-lhe:

— Daniel... Donnelly, o presidente da Flora Cosmetics é seu pai?

— Sim. E agrada-me pensar que *conquistei* o cargo de vice-presidente pelas minhas qualificações, e não por ser sua filha.

*Pois...* Como era a *segunda* vez que metia os pés pelas mãos nesse dia, achei que não valia a pena prolongar a dor.

Levantei-me e disse:

— Obrigada por me ter recebido, Sra. Donnelly.

A minha tarde melhorou a olhos vistos depois disso. Estava a acabar de sair do táxi com ar condicionado, em frente ao edifício onde tinha uma entrevista marcada para as 14 horas, quando o meu telefone vibrou. A empresa em cuja entrevista maior empenho tinha e que me levara, basicamente, a arruinar a primeira estava a ligar-me para a cancelar, informando-me que o cargo já fora preenchido.

*Maravilhoso! Simplesmente maravilhoso!*

Pouco depois recebi um e-mail da Flora Cosmetics a despachar-me, agradecendo-me por dispor do meu tempo para a entrevista e informando-me que iriam seguir outra linha para a contratação. *E ainda nem sequer são 14 horas.*

Depois de um duche rápido, o meu plano era tentar esperar até perto das 17 horas para me enfraçar. *Grandes planos!* Já que perdera inutilmente um dia, nas minhas últimas semanas de trabalho, o melhor seria divertir-me.

Estava deitada no chão do meu quarto, a meio do meu exercício de contagem, quando o telemóvel tocou. Estiquei o braço para a cama e tateei sobre o colchão até o alcançar. Ao ver o nome do Bryant no ecrã, estive quase para não atender, devido ao meu estado de espírito, mas acabei por o fazer ao último toque.

— Olá. Como correram as tuas entrevistas? — perguntou ele.

— Parei a caminho de casa e comprei duas garrafas de vinho.

Adivinha como correram.

— Mal, não é?

— Pode dizer-se que sim.

— Sabes o que devíamos fazer para remediar isso?

— Sem dúvida. Embebedarmo-nos.

Ele riu-se, como se achasse que eu estava a brincar.

— Estava a pensar em algo mais na linha do exercício físico.

— Ir ao ginásio?

— Sim. Ajuda a aliviar o stress.

— O vinho também.

— Sim, mas com exercício sentes-te bem no dia seguinte.

— E com o vinho não me lembro do dia anterior.

Ele riu-se. (Eu não estava a brincar, repito.)

— Se mudares de ideias, estou a caminho do Iron Horse.

— O Iron Horse?

— Fica na 72nd. Sou membro do ginásio e tenho passes para convidados.

Passara-se mais de um mês desde o meu estranho encontro com o Chase Parker. Porém, dei subitamente comigo a repensar a opção do álcool *versus* exercício físico só porque o homem tinha uma t-shirt do ginásio Iron Horse na sua fotografia do *Facebook*.

— Sabes que mais? Tens razão. Devia fazer um pouco de exercício para me descontrair. Poderei sempre enfrascar-me mais tarde, se não resultar.

— Assim é que é falar.

— Encontramo-nos lá dentro de uma hora. Parece-te bem?

— Vemo-nos lá, então.

Estava a precisar seriamente de um exame à cabeça. Sequei o cabelo com o secador e vesti o equipamento de ginástica mais *sexy* que tinha para ir fazer exercício com um tipo bestial, com quem começara a sair há pouco tempo. Porém, não era realmente por sua causa que estava a fazer todo aquele esforço. Alimentava uma vaga esperança de ver uma certa pessoa que sabia ter uma t-shirt

com o nome do ginásio. Um tipo que me considerava uma cabra e saía com loiras esculturais, com decotes demasiado pronunciados, e não com mulheres de um metro e meio de altura, sutiã copa B e ancas redondas, ainda que com uma cintura de vespa, como eu.

Cerca de 40 minutos na elíptica foi o suficiente para me arrepender amargamente de ter optado pelo exercício em vez do álcool. O Bryant estava a levantar pesos, do lado oposto do ginásio. Eu devia sentir-me feliz pelo facto de um tipo impecável me ter convidado para ir fazer exercício físico, mas sentia-me sem fôlego, desanimada e cheia de sede. *Ainda bem que pus as duas garrafas de vinho no frigorífico.*

Quando o Bryant terminou, veio ter comigo e perguntou-me se eu queria ir nadar um pouco. Eu não trouxera fato de banho, mas disse-lhe que lhe faria companhia na área da piscina. Enquanto ele tomava um duche e mudava de roupa, fui para a passadeira, para arrefecer, e como estava a caminhar a uma velocidade reduzida, aproveitei para ver os e-mails no meu telefone. Um deles era de uma empresa de recrutamento a informar-me que me tinham encontrado um emprego perfeito no estrangeiro — no Médio Oriente — e a perguntar-me se eu estava interessada numa entrevista por videoconferência. Achei o e-mail engraçado por ter imensas palavras mal escritas e inúmeros erros gramaticais.

Quando o Bryant regressou do balneário, dirigimo-nos para a área da piscina. Fui-lhe lendo o e-mail.

— Nos requisitos diz especificamente: «Deve ser sóbria, sã e não demasiado dramática». Achas que eles têm problemas de SPM no Iémen?

Estava a caminhar de olhos postos no telefone e choquei com alguém.

— Desculpe, não estava a ver...

Fiquei paralisada.

A imagem do Chase ali parado foi quase o suficiente para me provocar um desmaio. No meu íntimo tinha esperança de o ver, mas nunca pensei que iria de facto encontrá-lo. *Uma hipótese em mil.* Olhei para ele duas vezes, por achar que estava a imaginar

coisas, mas era mesmo ele, em carne e osso. *E que carne!* Fiquei literalmente gaga aovê-lo todo molhado, de tronco nu, apenas com uns calções de banho descaídos.

— Ch... Ch... Ch... — A palavra não saía.

Ele não perdeu tempo, claro, e inclinou-se para mim com um sorriso afetado:

— Ficas bem gira no ginásio, Docinho.

*Ele lembra-se de mim.*

Sacudi a cabeça, tentando libertar-me daquela espécie de transe em que me encontrava, mas foi inútil. Ele era tão alto e eu tão baixa, que não tinha outro remédio senão olhar para o corpo dele. A água escorria-lhe pelo ventre. Eu estava absolutamente hipnotizada, a ver as gotas a abrandarem nos contornos ondulantes daqueles abdominais. *Raios!*

Depois, pigarreei e consegui, finalmente, falar.

— Chase.

Estava bastante orgulhosa de mim própria por ter conseguido dizer pelo menos aquilo. Ele tinha uma toalha pendurada ao pescoço e ergueu-a para enxugar o cabelo ensopado, revelando ainda mais carne. Os peitorais pareciam esculpidos de tão perfeitos. *Oh, meu Deus... será aquilo... Com os diabos, é mesmo.* Estava com os mamilos frios e eretos e um deles tinha... um *piercing*.

— É um prazer ver-te, Reese. Há dez anos que não nos víamos e agora encontramo-nos duas vezes por acaso no espaço de um mês.

Só instantes depois percebi que se estava a referir aos anos fictícios do secundário, e a sua presença de espírito arrancou-me do meu torpor.

— Sim. Vê bem a minha sorte.

— Eu conheço-te — disse o Bryant.

Esquecera-me por completo de que ele estava ao meu lado. Aliás, por instantes, esquecera-me que existia mais gente à face da Terra. Franzi o sobrolho. Será que ambos se conheciam de facto?

— És o Chase, o primo da Reese. O modelo.

*Merda! Merda! Merda!* Só me apetecia enfiar num buraco e morrer.

O Chase (sempre igual a si próprio) olhou para mim intrigado, mas alinhou imediatamente na brincadeira:

— Exatamente. Eu sou o primo Chase. O sobrinho mais novo da tia Bea. E tu quem és?

O Bryant esticou-lhe a mão e o Chase apertou-a.

— Bryant Chesney. — Depois virou-se para mim. — Julgava que a tua mãe se chamava Rosemarie, como a minha.

O Chase atalhou pausadamente:

— E chama, mas costumamos chamar-lhe Bea. É uma alcuinha. Ela é alérgica a abelhas. Foi picada uma vez num *barbecue* de família. A cara inchou-lhe e os miúdos começaram a chamar-lhe Bea<sup>1</sup> depois disso.

*Francamente. O homem deve ser mentiroso profissional.* Mentia com tamanha ligeireza, que parecia estar a compelir-me a mentir também.

O Bryant acenou com a cabeça, como se tudo aquilo lhe fizesse sentido.

— Bom, prazer em conhecer-te. Vou deixar-vos pôr a conversa em dia, enquanto faço umas piscinas.

Quando o Bryant se ia a afastar, o Chase deteve-o.

— Como é que sabias que eu me chamava Chase? A tia Bea andou de novo a mostrar as minhas fotografias?

— Não. Ainda não conheço ninguém da família da Reese. Vi a tua foto no portátil dela.

— A minha foto?

— É o fundo de ecrã da Reese no *MacBook* dela.

Esqueçamos o buraco onde eu disse que me queria enfiar minutos antes. Nesse instante, fechei os olhos e rezei que a Terra me engolisse e nunca mais voltasse a cuspir-me cá para fora, ou que um superpoder me permitisse revolver o planeta no sentido inverso,

<sup>1</sup> «Bea» pronuncia-se da mesma forma que a palavra inglesa «bee», que significa abelha.

[N. do E.]

para poder voltar atrás no tempo. Fiquei completamente imóvel e contei até 30, de olhos firmemente fechados. Quando terminei, abri um olho para ver se o Chase já tinha desaparecido.

— Ainda aqui estou — disse ele, com um sorriso afetado.

Eu cobri o rosto com as mãos.

— Que vergonha!

— Não fiques embarçada. Não somos parentes de sangue, por isso não é assim tão estranho que andes a sonhar comigo à noite.

— Eu *não* ando a sonhar contigo à noite!

— Então? É só durante o dia, quando olhas para a minha foto no teu portátil?

— Foi accidental. Não era minha intenção defini-la como fundo.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— OK. Vou acreditar nisso.

— Ótimo. Porque é a verdade.

— Mas como é que a minha fotografia *foi* parar ao teu portátil, afinal? Não me lembro de te ver tirar nenhuma fotografia durante o nosso encontro a quatro.

Eu contive uma gargalhada.

— Encontro a quatro?

— Por falar nisso, o que aconteceu ao Édipo? Já o mandaste dar uma curva? Embora estivesses a tentar livrar-te do teu par da forma errada, tenho de admitir que tinhas uma certa razão. O tipo era incrivelmente chato.

— Pois era.

— Então, quem é este totó com quem estás agora?

— Totó? Tu nem sequer o conheces.

— Deixou-me aqui com a namorada. É um totó.

— Ele pensa que nós somos primos!

— Eu já te disse que não somos parentes de sangue.

— Sim, mas... — disse eu a rir. — Tu és esquisito, sabes?

— Tão esquisito como uma certa mulher que põe uma fotografia de alguém que mal conhece no seu *MacBook*, para o namorado ver.

— Ele não é meu namorado. — Não faço ideia porque disse aquilo. Não era propriamente mentira, mas também não era bem verdade. — Bom, saímos duas vezes juntos.

— Ah, então ainda não dormiste com ele.

Era verdade, mas como é que ele sabia isso?

— O que te leva a dizer isso?

— Porque não és o tipo de mulher que dorme com homens no primeiro ou no segundo encontro.

— Como sabes?

— Sei.

— Qual é exatamente o tipo de mulher que dorme com um homem no primeiro encontro?

— Uma mulher dessas dá indícios, veste-se de uma determinada forma e estabelece contacto físico. Tu sabes. Eu sei que sabes.

— Como a Bridget? — A mulher não parava de o apalpar, ao fim da noite.

Ele não respondeu.

Achei estranhamente galante o facto de ele não me dizer se concordava comigo acerca da Bridget, nem confirmar o que eu suspeitava que acontecera depois do encontro deles.

— Como é que *arranjaste* uma fotografia minha? — perguntou ele, em vez de responder à pergunta.

Disse-lhe a verdade. Bom, uma parte da verdade.

— Depois daquela noite no restaurante, procurei-te no *Facebook*. Queria agradecer-te por me salvares e tornares a noite tão divertida.

— Mandaste-me uma mensagem?

— Não. Não cheguei a mandar. Pareceu-me... um nadinha assustador, andar a perseguir-te, por isso mudei de ideias.

— E gostaste tanto da minha foto que a guardaste?

— Ia assinalar a página, para o caso de mudar de ideias e decidir mandar-te a mensagem, mas em vez disso guardei a foto.

— Senti-me a corar. Nunca tivera jeito para mentir. A minha mãe costumava dizer que eu era mais fácil de ler do que um livro aberto.

Para minha surpresa, o Chase acenou com a cabeça. Não esperava que ele me deixasse escapar tão facilmente.

— Costumas vir a este ginásio? Nunca te vi aqui antes.

— Não. É o ginásio do Bryant. Foi ele que me convidou. Tive um dia difícil e planeava afogar a tensão em vinho, mas ele sugeriu que a aliviasse no ginásio.

— Eu bem te disse. É um totó. Essa não seria decididamente a minha sugestão para aliviar o stress se estivesse no lugar do Brandon.

— Bryant.

— Não interessa.

— Então, o que *terias* tu sugerido?

— Nada — disse ele, mudando de assunto. — Mas porque é que tiveste um dia tão difícil?

— Duas entrevistas de emprego. Dei cabo da primeira, antes mesmo de entrar para o gabinete, e a segunda deu cabo de mim assim que cheguei à porta do edifício.

— Estás desempregada?

— Por enquanto não. Mas estarei, a partir da próxima sexta-feira. Talvez não tenha sido muito inteligente apresentar a demissão antes de encontrar outro emprego, no estado em que a economia está.

— O que fazes?

— Marketing. Era a diretora de marketing da Fresh Look Cosmetics.

— O mundo é pequeno. Sou amigo do Scott Eikman, o presidente da Fresh Look. Jogamos golfe juntos, às vezes.

— Numa cidadezinha com oito milhões e meio de pessoas, o meu falso namorado do secundário barra primo afastado joga golfe com o presidente da empresa onde eu trabalho? Muito estranho.

O Chase deu uma gargalhada.

— O Scott reforma-se para o ano, certo?

— Sim. Vai mudar-se para a Flórida e tudo. Tem dois filhos que assumirão provavelmente as rédeas da empresa. — *Sim, o Derek.* Quem me dera que fosse *ele* a mudar-se para a Flórida. Ou para a Sibéria.

O Chase e eu permanecemos à porta da piscina desde que havíamos chocado um contra o outro. Um tipo bateu no vidro e atirou uma lata de *Dr. Pepper* ao ar.

O Chase ergueu dois dedos, em resposta, e, olhando novamente para mim, explicou:

— Apostámos que eu iria fazer melhor tempo do que ele em piscinas e aquele é o meu troféu.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Uma lata de *Dr. Pepper*?

— É bom. Não critiques, senão não levo nenhuma para o próximo churrasco em família.

Instantes depois, o amigo voltou a bater no vidro, mas desta vez acenou com a mão ao Chase como quem diz: *por que raio te estás a demorar tanto?*

O Chase acenou com a cabeça.

— Tenho de me despachar. Temos um jantar de negócios dentro de meia hora, e eu preciso de tomar duche.

Tentei disfarçar o meu desapontamento.

— Foi bom esbarrar contigo, primo.

Ficámos de olhos pregados um no outro durante alguns instantes. O Chase parecia querer dizer qualquer coisa, tal como ao fim da noite, no restaurante. Contudo, em vez disso, olhou por cima do ombro para o local onde o Bryant estava a nadar, envolveu-me nos seus braços e enrolou-me o rabo de cavalo no punho, puxando-me a cabeça para trás, para eu olhar para ele.

Os seus olhos demoraram-se nos meus lábios antes de me beijar a testa.

— Até logo, priminha.

Deu alguns passos na direção dos balneários, mas depois parou e virou-se para trás.

— Tenho uma amiga que é uma grande recrutadora. E se eu te pusesse em contacto com ela? Talvez ela te possa ajudar a encontrar alguma coisa.

— Claro. Seria ótimo. Não estou a conseguir grande coisa sozinha. Obrigada.

Passei-lhe o meu telemóvel e ele registou nele o seu número. Depois, enviou uma mensagem escrita para o seu próprio telefone, para ficarmos com o contacto um do outro, e desapareceu. Senti de imediato a sua falta. A possibilidade de vir a esbarrar com ele novamente, naquela cidade tremenda, era talvez tão remota como ser atingida duas vezes por um raio.

Menos de uma semana depois, descobri que é possível sermos atingidos por um raio uma segunda vez.

# DEPOIS DAQUELE ENCONTRO FORTUITO, QUEM HAVERIA DE DIZER QUE O DESTINO NOS VOLTARIA A JUNTAR?

---

Quando o Chase Parker me viu pela primeira vez, a impressão que eu causei não foi propriamente boa. A verdade é que eu estava escondida junto à casa de banho de um restaurante, a deixar uma mensagem a uma amiga para lhe pedir que me salvasse de um encontro incrivelmente aborrecido.

Ele ouviu-me, destratou-me e ainda teve a lata de me dar conselhos relativos a encontros amorosos. Mandei aquele belíssimo homem arrogante meter-se na sua vida e regressei à minha mesa, de onde comecei a lançar-lhe alguns olhares furtivos. É claro que ele me apanhou em flagrante... e ainda me piscou o olho!

Passados poucos instantes, levantou-se e veio ter à nossa mesa, juntamente com a sua estonteante acompanhante, e, ao invés de me denunciar, fingiu que já nos conhecíamos e juntou-se a nós, inventando uma série de histórias constrangedoras de uma infância que supostamente teríamos passado juntos.

No fim da noite, quando cada um seguiu o seu caminho,achei que nunca mais o iria ver. Afinal, quais seriam as probabilidades de isso acontecer numa cidade com oito milhões de habitantes? E pior... quais seriam as probabilidades de que, um mês depois, ele viesse a ser o meu novo patrão?

---



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[topseller.suma/](https://www.instagram.com/topseller.suma/)

[@penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-655-4



9 789895 896554